



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O BEHAVIORISMO E O SOCIOCONSTRUTIVISMO NAS PRÁTICAS DE ENSINO E SUAS CONSEQUÊNCIAS – UM ESTUDO DE CASO

Maria Efigênia Alves Moreira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

efigeniaalvessim@hotmail.com

José Ronaldo Ribeiro da Silva

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

ronaldrsjr@hotmail.com

Ileane Oliveira Barros

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

Ileane.oliveira@gmail.com

Luiza Maria Vieira de Lima

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

Luiza.lima@ifce.edu.br

RESUMO

Este artigo é resultado de uma pesquisa qualitativa, do tipo bibliográfico e de campo, em que se apresentam as tendências behavioristas e construtivistas e suas implicações na educação, a partir de um estudo de caso de um projeto desenvolvido em duas escolas públicas de dois municípios distintos, em diferentes perspectivas metodológicas. O texto faz inicialmente uma abordagem conceitual do behaviorismo e do socioconstrutivismo, situado no contexto educativo e suas influências e consequências nas práticas de ensino. Nesse sentido, a abordagem teve como foco principalmente o behaviorismo e as consequências dessa teoria aplicada à educação. Nos estudos feitos sobre o socioconstrutivismo, foram considerados a aplicação dessa teoria no contexto educativo. As duas abordagens foram discutidas a partir de um contexto real de práticas pedagógicas de sala de aula. Através desse estudo podemos perceber o quanto as escolhas metodológicas que fazemos nas práticas docentes, especialmente quando se trata do ensino de crianças, são influenciadas por tendências psicológicas e o quanto essas tendências aplicadas à sala de aula podem ter consequências para o desenvolvimento humano, positivo ou negativamente. Uma mesma proposta pode ter diferentes percursos formativos, o que depende da abordagem feita. Isso mostra a necessidade de conhecermos as teorias que ancoram as ações pedagógicas e suas implicações, para uma prática docente consciente e eficiente.

Palavras Chave: Aprendizagem, Desenvolvimento, Docência, Escola.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

INTRODUÇÃO

A aprendizagem é um processo complexo que envolve muitos aspectos biológicos e sociais e tem implicações diretas no desenvolvimento humano. É pela aprendizagem que os conhecimentos historicamente acumulados são repassados de geração em geração e novos conhecimentos são produzidos. É através da aprendizagem que nos aproximamos da cultura, enquanto receptores e produtores dela. Pesquisar e discutir como ela ocorre, em quais contextos, através de quais métodos, é algo importante por impulsionar um novo olhar sobre o desenvolvimento humano, buscando o melhor caminho para alcançá-lo.

A aprendizagem está presente em todos os setores da vida humana e nos mais variados contextos. De maneira formal ou informal estamos em constante processo de aprendizagem. E à medida que vamos aprendendo, vamos ampliando a nossa visão de mundo e alterando comportamentos. E nesse processo intencional ou espontâneo de aprendizagem, vamos nos envolvendo com o objeto do conhecimento, cada um no seu ritmo e de acordo com suas experiências.

Na educação a aprendizagem é fator preponderante, visto que a instituição educativa lida com o conhecimento, que está diretamente relacionado à aprendizagem. Os fracassos e êxitos na aprendizagem têm repercussões importantes no desenvolvimento humano, seja ele individual ou coletivo. E tanto os fracassos como os êxitos são de responsabilidades dos equipamentos educativos, quando os sujeitos estão imersos nesse contexto de aprendizagem formal, intencional.

Dessa forma, conhecer como ocorre a aprendizagem é uma preocupação histórica que vem inquietando muitas áreas do conhecimento, dentre elas a psicologia e a pedagogia. No caso da escola, conhecer como a aprendizagem acontece significa potencializar os meios para



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

que ela aconteça. Diante dessa necessidade, a educação foi se apropriando dos conhecimentos produzidos sobre a aprendizagem, transformando-os em metodologias de ensino.

Para explicar o fenômeno da aprendizagem, muitas correntes foram surgindo. Dentre essas correntes, está o behaviorismo, que teve impacto direto nas práticas pedagógicas, perdurando por muito tempo como base teórica para o fazer docente. Mesmo tendo sido superada por outros estudiosos, como Piaget e Vygotsky, por exemplo, ainda temos muitas metodologias que se remetem ao behaviorismo.

E as nossas escolhas metodológicas, baseadas nas teorias que ancoram essas práticas, têm consequências diretas na vida do aluno, no seu desenvolvimento. E sabemos que muitas metodologias são utilizadas como armas psicológicas em sala de aula. Disso decorre a necessidade de conhecermos para usá-las de modo consciente e benéfico.

O objetivo desse trabalho é apresentar um exemplo de prática educativa behaviorista, suas implicações educativas e sociais, fazendo o contraponto com outras teorias que sustentam a aprendizagem através de práticas educativas socioconstrutivistas, sem limitar o desenvolvimento do educando a condicionamento operante. Esse trabalho foi fruto de um estudo de caso, onde um mesmo projeto pedagógico trabalhado com metodologias baseadas no behaviorismo e socioconstrutivismo teve diferentes contornos, exatamente pela abordagem dada.

METODOLOGIA

Essa pesquisa é qualitativa, visto que teve caráter exploratório e buscou aspectos subjetivos, percepções, entendimentos e interpretação de contextos educativos, analisando práticas sociais pedagógicas que interferem no desenvolvimento educacional e humano.

O método utilizado foi a pesquisa bibliográfica, em que foi coletado referencial teórico sobre o behaviorismo e o socioconstrutivismo. Foi utilizada também a pesquisa de campo, com observação de práticas pedagógicas e acompanhamento descritivo de situações vividas



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

no contexto de duas salas de aulas, uma no município de Jaguaribe-CE e outra no município de Alto Santo-CE.

Foram desenvolvidos estudos sobre os diferentes tipos de behaviorismo, como o clássico, mediacional, filosófico, metodológico e o radial. E dentre os teóricos estudados nessa perspectiva, podemos citar Ivan Pavlov, John B. Watson, Edward C. Tolman, Clark L. Hull e Burrhus F. Skinner, através de teóricos que discutem o behaviorismo aplicado à educação. A abordagem teve como foco principalmente o behaviorismo defendido por Watson e por Skinner, bem como as consequências dessa teoria aplicada à educação.

Os estudos feitos sobre o socioconstrutivismo, foram considerados os teóricos Jean Piaget e Vygotsky, através de estudiosos de suas teorias, como Anastácio Silva, Jorge Larossa, Nilza Micheletto, Sidney Bijou, Maria Amélia Matos, Ira Maira Maciel, dentre outros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As teorias que surgiram sobre o desenvolvimento humano e aprendizagem, quando aplicadas à educação, alteram concepções educativas e conseqüentemente as metodologias de ensino. Ao adotar uma determinada teoria, toda a rede de ensino sofre configurações, subjetivas e práticas. Os constructos teóricos têm repercussões diretas na educação e influenciam os objetivos do ensino, planejamento pedagógico e relação professor-aluno.

A teoria comportamentalista ou behaviorismo foi um movimento que surgiu no início do século XX, nos Estados Unidos e teve grande impacto na educação brasileira. Desde sua origem, essa teoria teve contribuição de diferentes estudiosos, mas foi amplamente divulgada por Watson e especialmente por Skinner.

O objeto dessa teoria é o comportamento humano. Watson definiu comportamento como sendo as modificações percebidas no organismo mediante estímulos, que poderiam ser internos ou externos. Dessa forma, os comportamentos involuntários, como reações



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

musculares, que ocorrem espontaneamente, seriam produzidos por estímulos internos, ou seja, orgânicos, chamados também de comportamento respondente.

Considerando a teoria behaviorista, Nunes (2011, p. 16) afirma que “o comportamento humano é, então, passível de reforço, previsão e controle.” Aplicado ao ensino, o comportamentalismo apresenta uma concepção mecanicista de aprendizagem, segundo a qual o comportamento do indivíduo depende sempre de um estímulo anterior.

Com relação aos reforços, Skinner definiu dois tipos: positivo e negativo. No reforço positivo, após a ação do indivíduo, um estímulo é apresentado (elogio) e esta apresentação aumenta a frequência do comportamento (realizar as atividades escolares). No reforço negativo também haverá um aumento na frequência do comportamento, contudo, será pela retirada de um estímulo aversivo (ruim).

Um exemplo de um reforço negativo aplicado em sala de aula: um professor de biologia deseja que seus alunos se interessem pelas aulas, ou seja, comportamento a ser condicionado. No entanto, cada vez que utiliza uma certa metodologia, percebe o desinteresse dos alunos, ou seja, um estímulo aversivo. Então o professor retira aquela metodologia e trabalha de outra forma e vê o interesse dos alunos, a empolgação, ou seja, a retirada do estímulo aversivo aumenta a frequência do comportamento desejado pelo professor.

Esses reforços são organizados sob diferentes esquemas. No “reforço contínuo”, o comportamento do sujeito é reforçado sempre que o estímulo é emitido. Levando para o contexto de sala de aula, o aluno que faz todas as tarefas e fica atento às explicações recebe elogios.

O “reforço em intervalos” pode ocorrer em intervalos fixos ou variáveis. Um exemplo de reforço em intervalo fixo, que é muito comum nas escolas, especialmente no ensino fundamental, diz respeito ao professor fixar um dia, como a sexta-feira, para passar um visto no caderno e o aluno receber um ponto ou outro reforço, como o aluno ganhar “estrelinhas”.

Dessa forma, os alunos mais desinteressados passam várias aulas sem copiar, mas quando se aproxima a sexta-feira, que é dia do visto, ou seja, do reforço, os alunos copiam tudo, mesmo que mecanicamente. A importância não foi dada ao processo, a necessidade de



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

copiar de forma significativa como instrumento de aprendizagem, mas ao estímulo dado pelo ponto ou outro reforço.

No caso do reforço em intervalo variável, o professor pode escolher qualquer dia para fazer uma avaliação ou passar visto no caderno, de forma que os alunos ficam condicionados a estudar mais ou manter as atividades sempre atualizadas.

O “reforço em razão”, pode ser fixo ou variável. Esse tipo de reforço é muito usado na indústria e nas escolas, que em muitos casos abarca a lógica da indústria. Na razão fixa, por exemplo, o professor pode estipular que a cada cinco atividades de casa resolvidas, o aluno terá um percentual de décimos na média. O comportamento é reforçado pelos pontos que o aluno vai acumulando.

Existe ainda o “reforço intermitente”, que é esporádico, sem tempo determinado.

Segundo o behaviorismo, os comportamentos são aprendidos, mesmo em se tratando de reações emocionais ou instintivas, como correr diante de uma situação de pânico ou salivação diante de um alimento. Para essa corrente, o comportamento humano é compreendido a partir de estímulo-resposta.

Os comportamentos de caráter mental, como o sentir, ver ou ouvir não são úteis para explicar a conduta humana. Para os comportamentalistas, o ser humano é controlado por fatores externos, ou seja, o meio. Na abordagem de Skinner, o comportamento é influenciado por suas consequências ou satisfação, necessitando de reforço positivo ou negativo.

Essa visão aplicada à educação torna o ensino mecanicista. A concepção behaviorista na educação baseia-se na ênfase nos métodos e para que haja eficácia na aprendizagem, é necessário que o aluno seja condicionado, através de estímulos. Nas palavras do próprio Skinner (1972, p. 62),

A aplicação do condicionamento operante é simples e direta. O ensino não é um arranjo de contingências sob as quais os alunos aprendem. Aprendem sem serem ensinados no seu ambiente natural, mas os professores arranjam contingências especiais que aceleram a aprendizagem facilitando o aparecimento do comportamento que de outro modo, seria adquirido vagarosamente, ou assegurando o aparecimento do comportamento que poderia de outro modo, não ocorrer nunca.



O ensino behaviorista, como vimos, baseia-se na organização e estruturação dos recursos externos como principais promotores da aprendizagem, valoriza o ensino individualizado e tem ênfase no comportamento do aluno. De acordo com Luna (2002), para o behaviorismo,

Instruir significa instalar, alternar e eliminar comportamentos. Planejar a instrução implica estabelecer sob quais condições os comportamentos são ou não adequados/corretos para produzir alterações ambientais capazes de manter uma intenção permanente (manutenção do que foi aprendido). (LUNA, 2002, p. 60)

O ensino na perspectiva behaviorista perdurou por muitos anos na educação e ainda encontra lugar privilegiado em algumas práticas pedagógicas. Entendemos a necessidade de trabalhar com estímulos, valorizando as produções dos alunos, mas sem condicionar a aprendizagem a esses fatores externos. Sabemos que não podemos permitir que os alunos fiquem condicionados a esses estímulos, mas que possam valorizar a aprendizagem por ela mesma, como necessidade de crescimento pessoal e profissional.

A experiência que será relatada a seguir tem cunho nitidamente behaviorista e aconteceu numa escola da zona rural no município de Alto Santo-CE, de nome fictício José de Alencar, numa sala de terceira série do ensino fundamental.

As práticas pedagógicas com projetos têm normalmente uma marca muito forte das correntes pedagógicas construtivistas e sociointeracionista, por possibilitar um trabalho de interação com o meio físico e social. São práticas que valorizam o coletivo e são de caráter interdisciplinar. O trabalho com projeto nessa perspectiva contribui para a formação do aluno na direção da formação integral, agregando conhecimentos teóricos e práticos.

No entanto, o projeto elaborado pela referida escola apresentou um caráter extremamente behaviorista e controlador, com objetivo oculto de manter a disciplina em sala de aula através de reforço, que para uns funcionava como positivo e para outros como negativo. Veremos a descrição da metodologia do projeto em questão.

O projeto foi intitulado: Sua nota vale mais. A escola adquiriu várias cédulas como representação real de dinheiro e carimbou com a marca da escola. Posteriormente cada aluno recebeu uma determinada quantidade para comercialização na própria escola.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A partir desse momento o comportamento dos alunos passou a ser controlado pelo dinheiro. Para cada ação que a escola considerava negativa, o aluno perdia dinheiro. E cada vez que fazia uma ação considerada positiva, ele ganhava dinheiro. Isso estabeleceu uma certa tensão entre os próprios alunos, a ponto de um deles ficar provocando outro, de modo que este perdesse o controle emocional, agisse agressivamente e perdesse cédulas.

A mãe de um aluno demonstrou insatisfação com o projeto, pelo estado com que o filho chegava da escola. Segundo ela, o aluno voltava arrasado, sempre com medo de errar, com medo de falar, sempre perguntando se determinadas palavras que desconhecia eram “feias”. A mãe então resolveu adquirir dinheiro-brinquedo e deu para o filho, tendo em vista que ele havia perdido muitas cédulas pela peraltice fora de sala, mas dentro da escola.

Quando o mesmo chegou à escola apresentando novas cédulas, a coordenação pedagógica se opôs, recolheu o dinheiro da criança e saiu de sala em sala dizendo que os alunos ficassem atentos porque o dinheiro válido era apenas o disponibilizado pela escola, visto que tinha o carimbo. Qualquer outro dinheiro seria falso e o aluno que tentasse burlar essa regra seria punido.

O projeto, que poderia ter sido utilizado como excelente instrumento pedagógico, foi usado para controlar o comportamento dos alunos, com estímulo-resposta. Os alunos tinham suas ações condicionadas a um valor atribuído a cada cédula, sem contar com os prejuízos psicológicos dos apelidos de rico, pobre ou miserável.

Um outro aluno, de comportamento inquieto, foi perdendo as cédulas muito rápido, pelas palavras e atitudes. Inicialmente ele se esforçava muito para recuperar o dinheiro, chegando a presentear a professora. Mas não aguentou não ser ele mesmo e em um determinado momento, enquanto estava sendo acusado, não suportando a pressão, rasgou o pouco dinheiro que lhe restava, na frente de todos na sala de aula, num sentimento de revolta. Essa ação lhe rendeu uma suspensão e precisou entrar acompanhado da mãe.

O projeto “Sua nota vale mais” utilizado como instrumento pedagógico na perspectiva behaviorista, não contribuiu para a formação do aluno, antes serviu como instrumento de coação, gerando também fragilidade na interação entre os alunos e entre professor-aluno.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Quando pensamos no socioconstrutivismo como abordagem educativa, vemos o quanto as práticas se diferenciam do behaviorismo. O construtivismo ou interacionismo foi uma abordagem psicológica com consequência direta na educação. Essa abordagem teve como precursor Piaget, segundo o qual o ser humano constrói ativamente seu conhecimento acerca da realidade externa e de que as interações entre os sujeitos são um fator primordial para o seu desenvolvimento intelectual e afetivo. Posteriormente ampliada para o sociointeracionismo ou socioconstrutivismo, através das contribuições de Vygotsky, essa teoria tem contribuído muito com a concepção de aprendizagem, alterando práticas educativas. Nesse sentido existe uma ênfase no aluno, em suas ações, seus modos de raciocínio, de como interpreta e soluciona situações-problema. Esta ideia o posiciona num lugar de ativo em seu processo de aprendizagem.

Voltando para o estudo de caso, o mesmo projeto, intitulado “Aqui o seu real vale mais” foi desenvolvido na sede do município de Jaguaribe - CE, numa escola de nome fictício Raquel de Queirós, numa turma de 1º ano do ensino fundamental, mas na perspectiva socioconstrutivista e foi um grande veículo de aprendizagem e formação.

Nas trocas comerciais o dinheiro tem um valor simbólico, mas de impacto real. A professora que desenvolveu esse projeto usou as cédulas para reconhecimento de valores e trocas comerciais, como ocorre na vida real, trabalhando grandezas e medidas, com foco nas medidas e valores. Começou discutindo a forma geométrica das cédulas, características, especificações conforme valor impresso e números. Ao projeto com notas de brinquedo, ela agregou outros conhecimentos, levantamento dos preços de brinquedos, exploração dos gêneros textuais como o cupom fiscal, propagandas, crachás de vendedores, ampliando os saberes e tornando a aprendizagem mais significativa.

Ela atribuiu outra estratégia de aquisição de novas cédulas, sem valorar o comportamento, através de compra e venda de brinquedos, de acordo com o interesse infantil, que aconteceu principalmente através de uma feira. Para isso, as crianças contribuíram na preparação das bancas e cada aluno construiu o livro Números da minha vida, onde escreveram tudo que continha numeração e que era importante para ele, como data de nascimento, número da casa, quantidade de amigos, etc.



A feira favoreceu a interação entre alunos de forma saudável e positiva, mostrando as trocas reais que ocorrem socialmente e trabalhou os conhecimentos matemáticos ao envolver valores, ou seja, os alunos estariam envolvidos em situações reais que exigiriam a habilidade de somar e subtrair, visto que precisariam passar troco, bem como possibilitou a competência do uso da calculadora e escrita dos números por extenso.

A feira de brinquedos reuniu alunos e família. Cada criança levava os seus brinquedos usados que não queriam mais e adquiriam outros brinquedos, através de dinheiro-brinquedo. Foi um trabalho interdisciplinar onde foi trabalhado conhecimento de diferentes áreas de ensino, de forma significativa, priorizando o aspecto lúdico, o que contribuiu para a adesão de todos os alunos.

CONCLUSÃO

Vimos as implicações que as teorias psicológicas deram a educação, seja de forma positiva ou negativa. As práticas pedagógicas não são neutras, mas respondem por determinadas teorias, mesmo que inconscientemente. As nossas ações estão permeadas de significado histórico, construído nas relações sociais e no desenvolvimento das ciências.

Conhecer as teorias psicológicas significa conhecer pressupostos teóricos que guiam nossa prática docente, que tem implicações diretas na vida dos alunos. Precisamos conhecer as teorias para situar as nossas práticas, questionando o nosso fazer pedagógico.

Quando estudamos a história da educação, podemos perceber o quanto fomos influenciados por outros conhecimentos científicos, dentre eles, a psicologia. E algumas dessas influências têm levado a ações de coação ou excludentes.

Mesmo vivendo práticas socioconstrutivistas, ainda hoje vemos o behaviorismo forte nas relações escolares, impregnada no processo ensino e aprendizagem. Exemplo disso são os prêmios, as estrelas, a lista dos melhores, utilizada exaustivamente por muitas escolas. Práticas dessa natureza estão ancoradas no estímulo-resposta e reforço, ou seja, behaviorista. Não estamos negando a contribuição dessa teoria, visto que somos sujeitos que precisam de



estímulos, mas sabemos que utilizada de forma exagerada pode trazer sérias consequências para a aprendizagem e para o desenvolvimento.

O que nos faz ter uma prática consciente é conhecer essas teorias e fazer com que, independente da teoria utilizada, o aluno seja o foco do processo, numa construção que vise sua formação integral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANASTÁCIO SILVA, A. **Contribuições da disciplina Psicologia da Educação segundo professores do ensino médio**. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.

BAQUERO, R. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BIJOU, Sidney. **O que a psicologia tem a oferecer à educação: agora!** Revista Brasileira de Análise do Comportamento, v. 2, n. 2, p. 287-296, 2006 [1970].

GOULART, I. B. **Psicologia da Educação** – Fundamentos teóricos e aplicações à prática pedagógica. Petrópolis: Vozes, 1995.

LAROSA, J. **Psicologia e Educação: o significado do aprender**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2004.

LUNA, S. V. **Contribuições de Skinner para a educação**. In: PLACCO, V. M. N. S. (Org.). **Psicologia e educação: revendo contribuições**. São Paulo: Educ. 2002.

MACIEL, I. **Psicologia e Educação: novos caminhos para a formação**. São Paulo: Ciência Moderna, 2001.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

MATOS, Maria Amélia. **Análise de contingências no aprender e no ensinar.** In: ALENCAR, Eunice S. (Org.). *Novas contribuições da psicologia aos processos de ensino e aprendizagem.* São Paulo: Cortez, 1993.

MICHELETTO, N. **Behaviorismo e outros ismos.** In: KERBAUY, R. R. (Org.). *Sobre comportamento e cognição.* 5. ed. São Paulo: ESETec Editores Associados, 1999.

MORO, M. L. F. **Implicações da epistemologia genética de Piaget para a educação.** In: PLACO, V. M. N. S. (Org.). *Psicologia e educação: revendo contribuições.* São Paulo: Educ, 2002. p. 117-137.

NERI, Anita L. **O modelo comportamental aplicado ao ensino.** In: PENTEADO, Wilma M. A. (Org.). *Psicologia e ensino.* São Paulo: Papelivros, 1980.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima. **Psicologia da Aprendizagem: processos, teorias e contextos.** Ana Ignez Belém Lima Nunes, Rosemary do Nascimento Silveira. Brasília-DF, Liber Livro, 2011.

PINO, A. **A psicologia concreta de Vygotsky: implicações para a educação.** In: PLACCO, V. M. N. S. (Org.). *Psicologia da educação e educação: revendo contribuições.* São Paulo: Educ. 2002.

SKINNER, Burrhus Frederic. (1972). **Tecnologia do ensino.** (Rodolpho Azzi, Trad.). São Paulo: Herder, Ed. da universidade São Paulo, 1972.

ZANOTTO, Maria de L. B. **Formação de professores: a contribuição da análise do comportamento.** São Paulo: Educ, 2000.